

Apresentação

Este segundo número do ano de 2025 da Revista Fronteiras comemora seis décadas da *Nostra Aetate*, a Declaração do Concílio Vaticano II que transformou fundamentalmente a compreensão da Igreja Católica sobre as religiões não cristãs.

Publicada em 1965, a *Nostra Aetate* inaugurou uma abertura decisiva: reconheceu a verdade e a santidade presentes em outras tradições religiosas e estabeleceu o diálogo como elemento constitutivo da presença da Igreja Católica em um mundo plural. Ao afirmar que “a Igreja Católica não rejeita nada do que é verdadeiro e santo” (NA, n. 2) nessas tradições, o Concílio rompe com paradigmas anteriores e lança as bases para uma teologia cristã aberta ao diálogo.

Seis décadas depois, revisitar essa intuição conciliar é imprescindível. Um mundo marcado pelo pluralismo religioso acelerado, pelas tradições espirituais globalizadas e por desafios comuns (justiça, paz, preservação do planeta) exige que a reflexão teológica aprofunde e atualize o legado da *Nostra Aetate*. Revisitar esta Declaração não é nostálgico, mas progressivo: aprofundar a intuição do Concílio, concretizá-la em estruturas e ações possíveis e extrair dela um horizonte em que o diálogo inter-religioso se torne fundamental para uma sobrevivência digna e uma humanização partilhada.

A Revista Fronteiras convida a uma reflexão sistemática sobre este caminho aberto pelo Concílio, como uma promessa ainda não plenamente realizada e um projeto sempre renovado.

O artigo de Elias Wolff, “*Nostra Aetate*: a Igreja Católica no caminho do diálogo inter-religioso”, oferece uma análise histórica e sistemática da Declaração Conciliar e de sua elaboração durante o Concílio Vaticano II. O artigo demonstra como o documento reconhece a presença divina nas religiões históricas e define o diálogo como essencial à missão da Igreja.

Examina ainda o impacto do documento na teologia contemporânea das religiões, concluindo que a Igreja é cada vez mais chamada a uma parceria genuína com outras tradições religiosas no contexto pluralista atual.

Faustino Teixeira, no artigo “A difícil acolhida do pluralismo religioso: passos de um caminho eclesial”, examina a trajetória da Igreja Católica no diálogo inter-religioso desde o Concílio Vaticano II. O artigo avalia criticamente esse caminho, identifica limitações estruturais que dificultam o diálogo e apresenta perspectivas teológicas mais abertas ao pluralismo religioso.

No âmbito da América Latina, o artigo de Claudio de Oliveira Ribeiro, sob o título “Plural e compromissada com a justiça: um balanço da teologia latino-americana das religiões”, mapeia e analisa a produção teológica da América Latina sobre o diálogo inter-religioso. Sua avaliação revela que a teologia latino-americana das religiões é caracterizada por uma espiritualidade ecumênica comprometida com a justiça, a paz, a alteridade e o pluralismo, e enraizada em contextos históricos concretos.

O artigo de Drance Elias da Silva, “Pluralismo religioso: neoconservadorismo e movimentos neopentecostais”, articula três aspectos do contexto religioso brasileiro contemporâneo. Primeiro, o pluralismo religioso reflete uma era de múltiplas modernidades, em que o dinheiro, o consumismo e o utilitarismo criam condições para que ofertas religiosas sejam tratadas como bens de consumo. Então, os outros dois aspectos, o neoconservadorismo e o neopentecostalismo, não são fenômenos isolados, mas respostas institucionais às demandas da sociedade moderna. Esses três aspectos coexistem em interdependência como manifestações distintas, porém interconectadas, do mesmo processo impulsionado pelas condições da modernidade.

Em “Paul Tillich e as religiões: desafios para um encontro transreligioso”, Carlos Alberto Motta Cunha argumenta que a teologia de fronteira e o método da correlação de Tillich fornecem fundamentos para a elaboração de uma teologia cristã do diálogo inter-religioso. Por meio da

análise da obra de Tillich e de autores contemporâneos, Cunha demonstra que essas categorias possibilitam uma teologia cristã inclusiva, contextual e dialógica, aberta ao Mistério em outras tradições religiosas.

Em seguida, no texto “Diálogo entre as religiões a partir da Economia do Logos encarnado: referenciais cristológicos a partir de Claude Geffré e da *Nostra Aetate*”, os autores Tiago de Fraga Gomes e Vanessa Mirapalheta Oliveira encontram na Economia do Logos encarnado a base cristológica para fundamentar o diálogo inter-religioso a partir de uma leitura plural da Revelação cristã, que supere o exclusivismo e preserve a identidade cristã. A argumentação culmina na formulação de uma hermenêutica teológica que compreende o pluralismo como locus teológico e na reafirmação do papel das religiões na construção de um ethos planetário orientado para a paz, a justiça e o cuidado com a criação.

O artigo de Daniel Santos Souza, “Quais os impactos na relação entre as igrejas, a missão cristã e as outras tradições religiosas? Observações teológicas desde o pensamento de Jacques Dupuis”, amplia as intuições da Declaração *Nostra aetate* com a compreensão reinocêntrica de Dupuis. Souza não apenas descreve a proposta de Dupuis, mas avalia suas implicações teológicas e missionárias no contexto do diálogo entre a tradição cristã e outras tradições religiosas. A partir da chave hermenêutica da universalidade do Reino de Deus, o autor revisa a compreensão da missão cristã em relação às outras religiões.

Rafael Henrique da Costa, no artigo “Entre a aliança e a cruz: Edith Stein como chave interpretativa da *Nostra Aetate*”, apresenta a jornada da filósofa judia convertida ao catolicismo como personificação de uma tensão entre as raízes judaicas e a experiência cristã, entre sofrimento e mística. A categoria de identidade da aliança possibilita interpretar a vida de Edith Stein como “lugar hermenêutico” que torna inteligível, em chave existencial, a continuidade entre a Igreja e Israel; o repúdio ao antissemitismo e o compromisso com o diálogo judaico-cristão. Portanto, a trajetória existencial de Stein é uma expressão viva das afirmações teológicas da *Nostra Aetate*.

Além de Edith Stein, outras pessoas inspiram o diálogo inter-religioso pela forma como o realizaram, apesar dos desafios históricos. No artigo “A Declaração *Nostra Aetate*: São Francisco e sua inspiração aos encontros inter-religiosos de Assis”, Luiz Fernando Lima Rangel demonstra como o encontro entre São Francisco e o Sultão Malik-al-Kamil durante as Cruzadas, um cristão e um muçulmano se encontrando com reconhecimento mútuo e busca compartilhada de compreensão, deve ser considerado um verdadeiro paradigma para o diálogo interreligioso.

Enfim, no artigo que finaliza esse Dossiê, “Francisco de Assis e seu canto a Deus através das criaturas: a criação como primeiro sacramento e os esforços inter-religiosos em prol da unidade cosmológica”, Faustino dos Santos amplia o tema da espiritualidade franciscana, mostrando como na mística de São Francisco, em especial no Cântico das Criaturas, está implícito um paradigma de uma fraternidade cósmica que vincula todos os seres. Esse paradigma orienta o diálogo inter-religioso não apenas no nível teórico, mas no compromisso comum com o cuidado, a reconciliação e a reparação ecológica, temas que atravessam diversas tradições religiosas contemporâneas.

No primeiro artigo da seção tema livre, Emerson Sbardelotti se propõe a compreender as canções de Zé Vicente como expressão teológica, na qual poesia, profecia, espiritualidade e compromisso social se articulam a serviço da fé vivida e da transformação da realidade. O artigo analisa três letras de música como mediação para uma reflexão teológica, evidenciando o caráter teológico, orante, missionário e profético dessas letras, enraizadas nas narrativas bíblicas e comprometidas com a realidade social.

Waldecir Gonzaga e Anderson Moura Amorim, no artigo “Da experiência teresiana à releitura steiniana: o progresso de uma vida mística”, mostram que, na leitura conjunta de Teresa de Jesus e Edith Stein, a mística cristã se configura como um processo integrador de autotranscendência, no qual a experiência íntima de união com Deus sustenta uma vida marcada pela alteridade e pela responsabilidade ética.

Em “Religião, religiosidade e secularização: desafios e possibilidades”, Raimundo Alves Martins pretende conceituar criticamente os termos religião, religiosidade, secularização e fundamentalismo religioso e propor uma reflexão teórica e problematizadora sobre categorias fundamentais do campo sociorreligioso, com o objetivo de compreender criticamente os desafios atuais da religião tradicional em contextos de mudança e secularização.

Por fim, Fernando Ponce León, no artigo “Esperança da política, política da esperança”, propõe reconectar esperança e política, tanto por meio de uma análise crítica da crise atual da política quanto por meio de uma interpretação teológica da esperança cristã como força mobilizadora da ação política.

Espera-se que esse número de Fronteiras possibilite a abertura das mentes e espíritos de seus leitores à atitude de diálogo para os que ainda não vivem essa dinâmica quando o tema é religião e alimento e fortaleça todos os que já estão nesse caminho de diálogo. Enfim, boa leitura!

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) - Brasil

Possui graduação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1998), graduação em Bacharelado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2000), mestrado (2003) e doutorado (2008) em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Carta Aos Hebreus, atuando principalmente nos seguintes temas: Messianismo, Philon de Alexandria, Flávio Josefo, Judaísmo, Targum, Midrash, Talmud. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2339-1134>. E-mail: aila.andrade@unicap.br.